

Comunicação apresentada na Universidad Nacional, en la Facultad de Filosofía y Letras, da Escuela de Literatura y Ciencias de Lenguaje, en el *I Congreso Internacional de Lingüística Aplicada*, en Heredia, Costa Rica. 23-25 de octubre de 2007.

A crônica brasileira: um instrumento de desenvolvimento crítico-político

Maria Cristina Damianovic¹

Introdução

Neste artigo, pretendo fornecer um panorama do papel social da crônica brasileira, salientando sua função como um manifesto de conflitos para o desenvolvimento crítico-político da cidadania do leitor e escritor brasileiro. Inicialmente, relaciono o meu papel de Lingüista Aplicada à minha atuação como poeta e cronista. Posteriormente, descrevo o percurso da minha decisão de escolher a crônica como um dos gêneros literários pelo qual expressei meu papel de jornalista, poeta, fotógrafa, repórter, espiã da vida, ou seja, de uma cronista cidadã brasileira. A seguir, as características centrais da crônica são apresentadas a fim de que incentive o leitor-escritor a engajar-se no movimento de reescrever um Brasil mais engajado nas transformações sociais, históricas e culturais das injustiças intrincadas na sociedade brasileira.

Lingüista Aplicada e Escritora: papéis compatíveis

Sou uma Lingüista Aplicada, e por essa razão pertenço a uma ampla área que acredita que *a linguagem existe inserida em contextos nos quais é, ela mesma, uma forma de ação que, como os próprios contextos, é constitutiva dos sujeitos envolvidos e constituída por eles* (Liberali, Magalhães, Lessa e Fidalgo, 2007:174). Como uma Lingüista Aplicada que atua na área de formação de alunos, professores, coordenadores e diretores escolares, nos últimos vinte e dois anos tenho estado diretamente em contato

¹ Maria Cristina Damianovic é doutora em Lingüística Aplicada e escritora brasileira. Coordena o projeto (inter)nacional *Páginas literárias para o desenvolvimento crítico-político de novos leitores e escritores*, do qual é resultado de sua autoria de *De um limão, uma limonada / De um limón, una limonda* (2008), *A Galinha dos Amigos de Ouro* (2008), *Famílias: Sempre-Vivas* (2007), *São Paulo: Caras e Bocas* (2006) e *Brasil: Palavras de um Cotidiano* (2005) e de sua organização *“Brasil: um verde-amarelo em versos”* (2008 org com Blank); *“Material Didático: Elaboração e Avaliação”* (2007); *“O português dentro de uma visão crítica”* (2006); e *“Antologia em prosa e verso: palavras de alunos de Letras”* (2005). É pesquisadora do Programa Ação Cidadã e Reflexão sobre a Ação na Pontifícia Universidade Católica de São Paulo/ Brasil e é colaboradora da Fundação Centro de Estudos Brasileiros da Costa Rica. www.linguagemformacao.com.br

Comunicação apresentada na Universidad Nacional, en la Facultad de Filosofía y Letras, da Escuela de Literatura y Ciencias de Lenguaje, en el *I Congreso Internacional de Lingüística Aplicada*, en Heredia, Costa Rica. 23-25 de octubre de 2007.

com diversos seres humanos de diferentes comunidades escolares, sempre visando a desenvolver formas para que essas pessoas, outros colaboradores e eu possamos, pela ação da linguagem, compreender e mudar os contextos que constituímos e nos quais somos constituídos.

Como uma educadora engajada e ao mesmo tempo angustiada com a situação social, histórica e cultural plena de injustiças contra o brasileiro no final do século XX e início do século XXI, sentia a necessidade de ampliar minha área de atuação como cidadã. Um fervor de procurar estar em vários lugares ao mesmo tempo, lutando por um Brasil melhor, invadia-me. Precisava agir de forma mais ampla, com o intuito de envolver mais pessoas no processo de uma ação transformadora de nosso país.

Busquei ao meu redor, ou melhor, em mim mesma, formas de estender a envergadura de impacto de minha ação cidadã. Na época, meus dois amores profissionais eram a Lingüística Aplicada e a Literatura.

Pensei comigo mesma, “a Literatura possibilitará que eu esteja em vários lugares ao mesmo tempo. Posso entrar em várias casas de comunidades, cidades, estados e países. Conseguirei passar por esse portal de multiplicação de minha ação através dos livros! É isso, preciso escrever livros para que sejam lidos e para que eu possa, pelo fenômeno da linguagem literária, escancarar, para o leitor, experiências culturais vitais. Assim, ele também ansiará participar da (re)construção da tradição histórica da nossa vida nestes tempos. ”

Determinada em ir em frente com esse plano, organizei o projeto “Páginas Literárias para um desenvolvimento crítico-político de novos leitores e escritores”, e iniciei minha carreira de publicação literária em 2003. No início do “Páginas Literárias para um desenvolvimento crítico-político de novos leitores e escritores”, escrevia poesia. Enxergava o mundo em verso. Todavia, no verso não havia espaço para toda a minha inquietude.

A crônica: um texto de escritores 100% Brasil

Comunicação apresentada na Universidad Nacional, en la Facultad de Filosofía y Letras, da Escuela de Literatura y Ciencias de Lenguaje, en el *I Congreso Internacional de Lingüística Aplicada*, en Heredia, Costa Rica. 23-25 de octubre de 2007.

Meu material era a palavra como instrumento de formação do ser. Como poderia organizar essas palavras de forma que pudesse relacionar aprendizagem e vivência para uma reforma integral do indivíduo na sua consciência do eu + o outro + mundo?

A resposta que encontrei foi: “a crônica! É por aí que irei. Serei uma cronista (Damianovic, 2008, 2007, 2006, 2005), e uma cronista que pesquisa, com seu olhar, as injustiças sociais intrincadas na sociedade brasileira”.

Optei pela crônica por várias razões. Segundo Novaes (2003:15), a literatura tem uma *tarefa fundamental a cumprir nesta sociedade em transformação: a de servir como agente de formação, seja no espontâneo convívio leitor/livro, seja no diálogo leitor/texto*. Escolhi a crônica porque, segundo Sá (2005:10), através dela, o cronista deseja cumprir sua função primordial de antena do povo, captando tudo aquilo que nós outros não estamos aparelhados para apreender. O cronista explora as potencialidades da língua, buscando uma construção frasal que provoque significações várias (mas não gratuitas ou ocasionais), descortinando para o público uma paisagem até então obscurecida ou ignorada por completo.

Ao descortinar uma paisagem da nossa sociedade, posso atuar junto à construção da cidadania, que é entendida como *processo construtivo, que se organiza pela compreensão da necessidade de constante redefinição de valores e práticas que constituem a ação... a cidadania é entendida a partir de ações que vão além do simples ensinar os direitos e deveres pré-concedidos, mas que se desenvolvem no debate com os cidadãos sobre critérios éticos e políticos que configuram a práxis cidadã nos diversos contextos de ação* (Liberali, Magalhães, Lessa e Fidalgo, 2007:176).

A crônica traz à tona valores de um povo e revela ações que suscitam debates para a revalorização de critérios éticos e políticos. O cronista, no seu papel de *narrador-repórter* (Sá, 2005:07), faz da crônica uma soma de jornalismo, fotografia, poesia e literatura. Do jornalismo, a crônica empresta a característica de que *quem narra uma crônica é o seu autor mesmo, e tudo o que ele diz parece ter acontecido de fato, como se nós, leitores, estivéssemos diante de uma reportagem* (Sá, 2005:09). Dessa forma, o leitor da crônica transporta-se para dentro da história e dela quer saltar com toda força

Comunicação apresentada na Universidad Nacional, en la Facultad de Filosofía y Letras, da Escuela de Literatura y Ciencias de Lenguaje, en el *I Congreso Internacional de Lingüística Aplicada*, en Heredia, Costa Rica. 23-25 de octubre de 2007.

para reagir ao experimentado na história. A crônica cria um desejo de ação no leitor para envolver-se na práxis cidadã.

Da fotografia, a crônica herda a verossimilhança a um fato real, transportado para a ficção em fotos materializadas em palavras.

Como o poeta, o cronista também tem em seu sangue uma indignação diante dos absurdos que compõem o dia-a-dia - no caso, do brasileiro. Há no cronista a dor social do poeta que, *com um toque de lirismo reflexivo, capta um instante brevíssimo que também faz parte da condição humana e lhe confere (ou lhe devolve) a dignidade de um núcleo estruturante de outros núcleos, transformando a simples situação de diálogo sobre a complexidade das nossas dores e alegrias* (Sá, 2005:11).

E, além disso, escolhi a crônica porque sou uma brasileira que trabalha para desenvolver o seu país. Como dizemos, “visto a camisa” do Brasil, e nada mais justo do que escolher um gênero literário 100% brasileiro! A crônica, da forma como é escrita no Brasil, isto é, seguindo as características descritas acima e as que serão apresentadas a seguir, só se realiza no Brasil. É um texto verde-amarelo que nasceu com o descobrimento do nosso país, com a carta de Pero Vaz de Caminha ao rei Dom Manuel. A certidão de nascimento da Literatura Brasileira foi emitida ali, com a primeira crônica escrita. Antes dessa carta, a crônica era um relato cronológico de fatos. Porém, a chegada ao país possibilitou que os escritores de relatos cunhassem um novo gênero literário. O Brasil era muito surpreendente para ser descrito somente pelo relato. O que os escritores da época viram em nosso território nacional os descompôs literariamente para que pudessem compor uma crônica com sangue brasileiro. Isso possibilitou o surgimento de uma construção textual elaborada com *uma linguagem que fala de perto ao nosso modo de ser mais natural* (Candido, 1992:13).

Assim, sou uma escritora que opta pela crônica, um texto *insinuante e revelador que ensina a conviver intimamente com a palavra, fazendo que ela não se dissolva de todo ou depressa demais no contexto, mas ganhe relevo, permitindo que o leitor a sinta na força dos seus valores próprios* (Candido, 1992:15).

O cronista: um espião contratado para recuperar a capacidade crítica do leitor

Comunicação apresentada na Universidad Nacional, en la Facultad de Filosofía y Letras, da Escuela de Literatura y Ciencias de Lenguaje, en el *I Congreso Internacional de Lingüística Aplicada*, en Heredia, Costa Rica. 23-25 de octubre de 2007.

O cronista é um *espião da vida* (Sá, 2005:21). Seu trabalho auxilia o leitor a compreender quem ele é, para melhor prosseguir em sua vida (Sá, 2005). Esse entendimento é desenvolvido porque a crônica escolhe um fato capaz de reunir em si mesmo o *disperso conteúdo humano, pois só assim ela pode cumprir o antigo princípio da literatura: ensinar, comover e deleitar* (Sá, 2005:22). Na minha percepção, teríamos que acrescentar mais um item à lista mencionada por Sá (2005): ensinar, comover, deleitar e trazer inquietude ao leitor, para que ele possa *recuperar sua capacidade crítica e examinar criticamente alguns ângulos da vida urbana* (Sá, 2005:45-46).

É importante salientar a consonância que há entre o cronista e o Lingüista Aplicado. O segundo *estuda as ações humanas em contextos variados e, por meio de diferentes áreas do conhecimento, observa como a linguagem realiza/ medeia/ transforma tais ações, tendo por base as condições de injustiça dentro das quais os sujeitos circulam*(Liberali, Magalhães, Lessa e Fidalgo, 2007:175). O primeiro, o cronista, registra pela linguagem e por ela revela as ações humanas em contextos variados, inspirados na vida real. Os dois se inter-relacionam e, a meu ver, constroem uma moralidade (Liberali, Magalhães, Lessa e Fidalgo, 2007) dentro de uma visão dimensional que é social, histórica e culturalmente definida, nas quais as ações adquirem significados.

O escritor da crônica: palavras finais sobre um cidadão crítico-político

Como Lingüista Aplicada, busco *criar espaços para o questionamento dos valores, normas e direitos, para que os participantes possam superar a percepção naturalizada de moralidade que os impede de reconhecer suas posições de sujeitos históricos, isto é, de uma moral que os subjuga a uma condição de executores de uma ordem inevitável, inquestionável e universal que os domina, embora não por uma coerção visível* (Liberali, Magalhães, Lessa e Fidalgo, 2007:177). Meu papel de cronista aumenta minha capacidade de atuar dessa forma porque o cronista evidencia os sujeitos históricos de tal forma que possibilita ao leitor passar do papel de leitor ingênuo ao de leitor cidadão crítico-político. Há uma substituição da *ingenuidade pelo senso crítico*

Comunicação apresentada na Universidad Nacional, en la Facultad de Filosofía y Letras, da Escuela de Literatura y Ciencias de Lenguaje, en el *I Congreso Internacional de Lingüística Aplicada*, en Heredia, Costa Rica. 23-25 de octubre de 2007.

(Sá, 2005:78). Procuero impulsionar o leitor a, a partir da ficcionalização de fatos e pessoas, dar *um salto maior do plano individual e particular para o plano coletivo e universal* (Sá, 2005:86).

Esse salto é possível porque a crônica é construída para persuadir o leitor a examinar, investigar e instigar suas ações, com o objetivo de entrar numa ação de transformação colaborativa, aqui entendida como uma *ação conjunta para o agir com foco na compreensão de que a busca por uma perspectiva transformadora da sociedade não pode se realizar no isolamento, mas na solidariedade dos agentes envolvidos* (Liberali, Magalhães, Lessa e Fidalgo, 2007:178).

Agentes envolvidos em transformação é o de que o Brasil mais necessita. O cronista estimula o desenvolvimento da solidariedade à medida que torna a experiência vivida mais intensa e que convida seu leitor a colaborar, no sentido de *agir para possibilitar que os agentes participantes tornem seus processos mentais claros, expliquem, demonstrem, com o objetivo de criar, para os outros participantes, possibilidades de questionar, expandir, recolocar o que foi posto em negociação. [O cronista] implica, assim, conflitos e questionamentos que propiciem oportunidades de estranhamento e de compreensão crítica aos interagentes* (Liberali, Magalhães, Lessa e Fidalgo, 2007:181).

Para terminar, é importante frisar o papel colaborativo da crônica. É através de um manifesto de conflitos que eu, como cronista, ao longo de minha carreira, escrevo: para que meu leitor estranhe a si mesmo e a seu mundo. Assim, ele poderá sensibilizar-se frente às questões culturais e sociais, a fim de fortalecer movimentos de reconstrução de um Brasil menos ingênuo e mais crítico.

Referências Bibliográficas

- CANDIDO, Antonio (1992) A Vida ao Rés-do-Chão. In: *A Crônica: O Gênero, sua fixação e suas transformações no Brasil*. Fundação Casa Rui Barbosa.
- DAMIANOVIC, Maria Cristina (2008) *De um limão, uma limonada / De um limón, uma limonada*. Perro Azul.

Comunicação apresentada na Universidad Nacional, en la Facultad de Filosofía y Letras, da Escuela de Literatura y Ciencias de Lenguaje, en el *I Congreso Internacional de Lingüística Aplicada*, en Heredia, Costa Rica. 23-25 de octubre de 2007.

DAMIANOVIC, Maria Cristina & BLANK, Dulce (2008-orgs) *Brasil: um verde-amarelo em versos*. Perro Azul.

DAMIANOVIC, Maria Cristina (2007) *Famílias: Sempre-Vivas*. Cabral.

DAMIANOVIC, Maria Cristina (2007 – org) *Material Didático: Elaboração e Avaliação*. Cabral.

DAMIANOVIC, Maria Cristina (2006) *São Paulo: Caras e Bocas*. Casa do Novo Autor.

DAMIANOVIC, Maria Cristina (2006-org) *O Português Dentro De Uma Visão Crítica*. Casa do Novo Autor.

DAMIANOVIC, Maria Cristina (2005) *Brasil: Palavras de um Cotidiano*. Casa do Novo Autor.

DAMIANOVIC, Maria Cristina (2005-org) *Antologia em Prosa e Verso: Olhares e Palavras de Alunos de Letras*. Casa do Novo Autor.

LIBERALI, Fernanda; MAGALHÃES, Maria Cecília; LESSA, Angela e FIDALGO, Sueli (2006) Educando para a cidadania em contextos de transformação. In: *the ESpecialist*, vol 27, no. 2: 169-188.

MAGALHÃES, Maria Cecília (2004) *A formação do professor como um profissional crítico*. Mercado de Letras.

NOVAES, Nelly (2003) *Literatura Infantil: Teoria, Análise e Didática*. Moderna.

SÁ, Jorge de (2005) *A crônica*. Ática.

ANEXO

Uma pizza para onze

DAMIANOVIC, Maria Cristina (2007)

Comunicação apresentada na Universidad Nacional, en la Facultad de Filosofía y Letras, da Escuela de Literatura y Ciencias de Lenguaje, en el *I Congreso Internacional de Lingüística Aplicada*, en Heredia, Costa Rica. 23-25 de octubre de 2007.

In: *Famílias:Sempre-Vivas*. Pg.15-17 Cabral.

Lisa descobriu o valor de uma pizza para onze mais ou menos com onze anos. Como irmã mais velha de uma turminha de nove filhos, mais pai e mãe, Lisa, sempre que possível, ajudava seus pais em tudo o que podia. Ela sempre soube da dificuldade que era criar nove filhos.

Um dia, na tradicional pizza de domingo à tarde - não era noite, não. Lá, na casa de três cômodos, dois quartos e uma sala-cozinha, o jantar era à tarde porque todos dormiam cedo para acordar cedo no dia seguinte. Oito horas da noite já era hora de todos estarem dormindo.

Nessa tarde, memorável no coração de Lisa, ela descobriu o valor das casquinhas de pizza com as quais seus pais sempre faziam a maior festa...

A pizza chega, como de costume. A mãe, hábil na faca, divide a pizza em vinte e dois pedaços, sendo que dois eram bem menores que os outros. Junto com a pizza, havia arroz com cenoura ralada, milho e uns fiozinhos de carne assada, que D. Izilda fazia questão de colocar no arroz que acompanhava a pizza: - Toda refeição precisa ter carne, crianças. Mesmo que seja um barbantinho assim.

A janta começa e Seu Benzo serve os pratos. Uma colher cheia de arroz e um pedaço de pizza ao lado. Todos são servidos e todos se deliciam com aquela gostosura de pizza!

- Quero mais! - um dos filhos começa o coro do repeteco.
- Eu quero as casquinhas - o pai dizia. - Quem quer trocar casquinhas por pedacinhos de pizza? - E lá vinham várias casquinhas pelas quais ele trocava os minúsculos pedaços nos quais o seu pedaço, já pequeno, havia se transformado.

A mãe fazia o mesmo. Sempre com uma troca, ela e o pai davam um pedacinho de seus pedaços junto com mais um pouco de arroz.

Comendo as cascas pretinhas que chegavam aos seus pratos, pai e mãe viam a felicidade de seus filhos ao comerem a pizza.

- Agora, quero mais um pedaço! - Outro filho começava o coro do repeteco. Dessa vez, era a vez da repetição do pedaço grande que ainda havia na mesa.

Comunicação apresentada na Universidad Nacional, en la Facultad de Filosofía y Letras, da Escuela de Literatura y Ciencias de Lenguaje, en el *I Congreso Internacional de Lingüística Aplicada*, en Heredia, Costa Rica. 23-25 de octubre de 2007.

Afinal, D. Izilda havia cortado a pizza de tal forma que todos os filhos teriam dois pedaços grandes.

Foi quando Lisa acordou de sua infância e encontrou, na pizza daquela tarde, sua maturidade. Ao perceber o que os pais faziam, chegou a sua vez de fazer o mesmo. Comer casquinhas de puro amor!

- Quem quer trocar casquinhas por pedaços de pizza? - E foi aquela euforia, porque os irmãos mais novos logo colocaram um montão de casquinhas no prato da Lisa, que cortou o seu segundo pedaço em mini-pedacinhos para que todos os irmãos pudessem ganhar um tequinho.

Olhando para os pais, Lisa sorriu e disse:

- Mãe e Pai, eu também gosto das casquinhas. Tanto quanto vocês!